

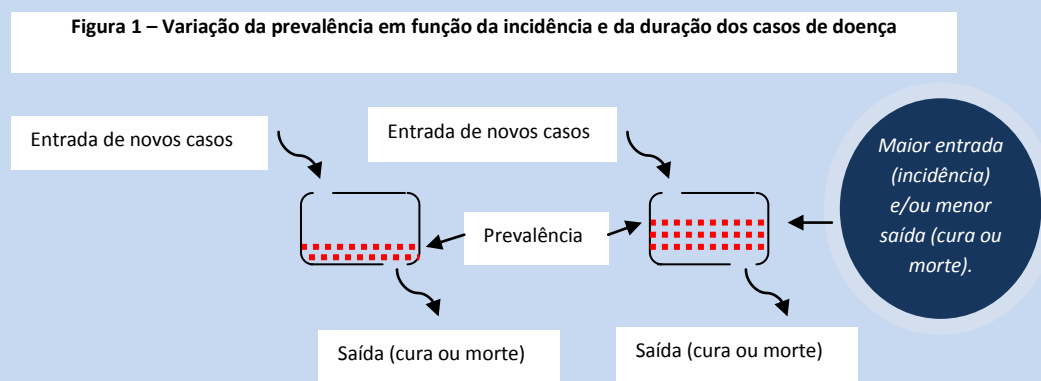
ESTUDOS TRANSVERSAIS, SECCIONAIS OU DE PREVALÊNCIA

Prof. Francisco Baptista

Os estudos transversais, de corte, seccionais ou de prevalência se caracterizam por inicialmente nada se saber sobre exposição ou desfecho (doença). Definida uma população, em um dado momento e de forma censitária ou por amostragem, retira-se informação de cada indivíduo sobre existência ou não de exposição e de agravo à saúde. É assim possível a quantificação da exposição e da doença na população, de uma forma geral ou segundo alguma característica (exposição). É ainda possível a pesquisa de associação entre exposição e agravo à saúde. A existência de associação entre exposição e doença não indica, necessariamente, a existência de relação causal.

Como o pesquisador não exerce controle sobre variáveis, os estudos transversais são classificados como observacionais. Nestes estudos, o levantamento simultâneo de exposição e doença não permite o estabelecimento de relação causal. Esta relação só pode ser estabelecida quando se sabe que a exposição antecedeu o desfecho. Pode-se dizer que os estudos de prevalência nos informam sobre a possibilidade de se estar doente, mas não a de se ficar doente. Neste último caso é requerida relação temporal entre exposição e agravo à saúde, a qual não pode ser estabelecida nos estudos transversais ou de prevalência.

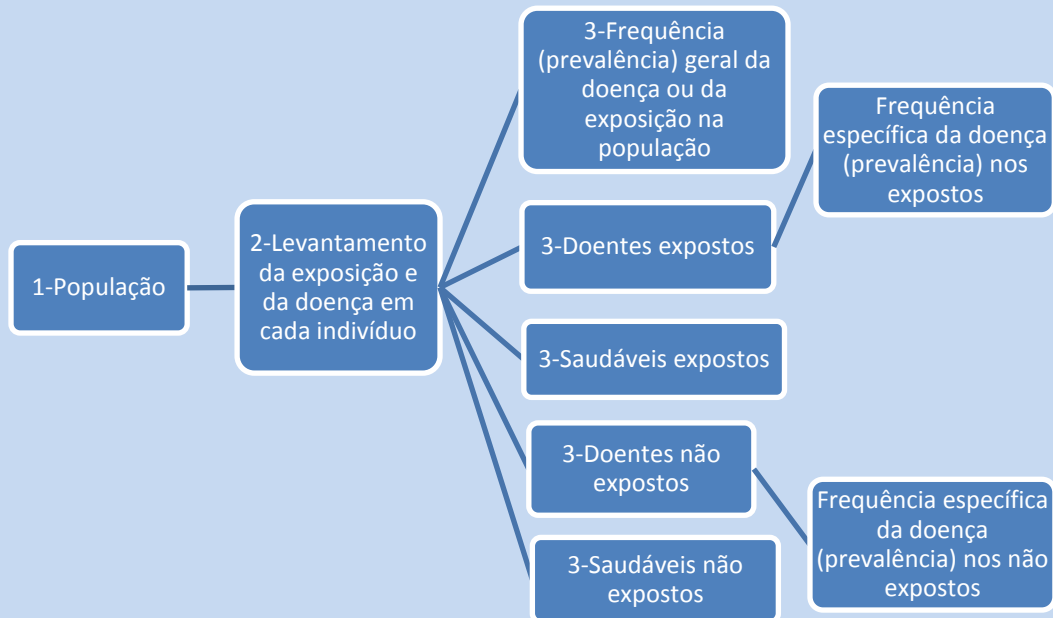
Os estudos transversais são relativamente fáceis de realizar, têm baixo custo e fornecem resultados com rapidez. Contudo, por identificarem casos prevalentes, os seus resultados dependem da duração da doença, não podendo esclarecer a ocorrência de novos casos e, conseqüentemente, não são apropriados para a medição da freqüência pontual de doenças de curta duração. Neste caso há necessidade de se estudarem grandes populações. Nestes estudos não se pode saber se as freqüências encontradas se devem a novos casos ou a casos antigos (maior duração). A Figura 1 ilustra de que forma a prevalência pontual de uma doença é função da incidência (novos casos) e da duração da doença.



O desenho dos estudos transversais é apresentado na Figura 2, na qual se apresenta o fluxograma das ações que conduzem à determinação da freqüência da exposição ou da doença e à pesquisa de associação entre as variáveis explanatórias (exposição) e a variável resposta

(doença). Neste caso a associação fica estabelecida se a freqüência da doença nos expostos for significativamente maior que a freqüência da doença nos não expostos (Figura 2).

Figura 2 – Fluxograma das ações em um estudo transversal ou de prevalência



Como em qualquer estudo epidemiológico, os dados obtidos em um estudo transversal podem ser inseridos em uma tabela de contingência (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos dados em uma tabela de contingência

Com a característica	Doentes		Total
	Sim	Não	
Sim	a	b	a+b
Não	c	d	c+d
Total	a+c	b+d	a+b+c+d

Da Tabela 2 podem ser obtidas as freqüências gerais da exposição e da doença assim como as freqüências da doença em expostos e em não expostos:

1 – Freqüência (prevalência) geral da

$$\text{exposição} = \frac{a+b}{a+b+c+d}$$

2 – Freqüência (prevalência) geral da

$$\text{doença} = \frac{a+c}{a+b+c+d}$$

3 – Frequência (prevalência) da doença nos
expostos = $\frac{a}{a+b}$

4 – Frequência (prevalência) da doença nos não
expostos = $\frac{c}{c+d}$

Comparação:

1 - Associação positiva $\rightarrow \frac{a}{a+b} > \frac{c}{c+d} \rightarrow$ possível
fator causal

2 - Associação negativa $\rightarrow \frac{a}{a+b} < \frac{c}{c+d} \rightarrow$ possível
fator de proteção

3 - Sem associação $\rightarrow \frac{a}{a+b} = \frac{c}{c+d} \rightarrow$ as variáveis,
explanatória e resposta, são independentes uma
da outra

4 - Razão de prevalência = $\frac{\frac{a}{a+b}}{\frac{c}{c+d}} \rightarrow$ estimativa do
risco relativo

Bibliografia

1. CÔRTEZ, JOSÉ DE ANGELIS. Epidemiologia – Conceitos e princípios fundamentais. São Paulo: Livraria Varela, 1993.
2. FORATTINI, Oswaldo Paulo. Epidemiologia Geral. 2ª Ed. Depto de Epidemiologia: Faculdade de Saúde Pública – USP. Editora Artes Médicas, 1996.
3. JEKEL, James F. et al. Epidemiologia, Bioestatística e Medicina Preventiva. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora Artmed S.A., 2002
4. LESER, Walter. et al. Elementos de Epidemiologia Geral. São Paulo – Rio de Janeiro – Belo Horizonte: Editora Atheneu, 1997.
5. PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2001.
6. ROUQUAYROL, Maria Zélia. et al. Epidemiologia e Saúde. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Medsi, 1999.
7. SAÚDE, Ministério da. Estudos Epidemiológicos. Ed. Única. Fundação Nacional da Saúde – Vigilância Epidemiológica. Agosto/2000
8. Thrusfield, M. V. Epidemiologia Veterinária. 2ª Ed. São Paulo: Roca, 2004